

Tamborilando ideias¹

Márcio Nunes de Carvalho

*“Olho a paisagem e depois vou pintá-la
com minha imaginação.”*

(Michel Bussi, em *Ninfeias negras*)

Resumo: O autor faz considerações sobre suas próprias transformações pessoais e como psicanalista, levanta questões sobre a psicanálise nestes tempos de avanços rápidos das tecnologias modernas influenciando mudanças socioculturais que se refletem em comportamentos e na forma como os analisando hoje se apresentam para fazer análise. Aproxima psicanálise da literatura e sociologia, citando alguns autores, propõe uma reflexão sobre psicanálise atual, psicanalista atual, personalidade atual e, por fim, apresenta momentos de uma experiência psicanalítica.

Palavras-chave: psicanálise atual, psicanalista atual, personalidade atual

Há alguns anos estive com um analisando ouvindo, mas sem “ouvi-lo”, esperando que sua fala revelasse um sinal de angústia, ou de um conflito ou alguma questão que estivesse ocupando sua mente. Algum tempo depois, considerando o que é dito na análise como apenas a moldura, e não a pintura do quadro, fui me dando conta de que ouvir um analisando era antes de tudo me ouvir. Ouvir-me e sentir onde e como aquele encontro me tocava ao percorrer inesperados caminhos em meu interior, acionando um sonhar imagens em trânsito com inesperada potencialidade narrativa e possibilidade de evoluir para uma comunicação fora do contexto do diálogo manifesto.

De um tempo para outro, aconteceu, então, a mudança de perspectiva em minha escuta. Desde um foco que objetivava a interpretação

1 Trabalho apresentado, com algumas modificações e acréscimos, em Reunião Científica da SPBSB (2017) Bsb, 30/04/2017.

de uma “verdade defensivamente escondida” em um passado “presentificado” (que proporcionaria ao analisando um progresso em termos de autoconhecimento ou cura de sintomas) para uma nova perspectiva, que defino, em linhas gerais, como voltada ao processo do “tornar-se si mesmo”. Apesar do que, em tese, “ser si mesmo” não é uma condição mental permanente. É uma eterna busca, não de “progresso” focado no autoconhecimento, que sempre é bem-vindo, mas sim uma busca intuitiva de aberturas ao infinito.

Assim considerando, é pertinente que se pergunte como fica, para mim, a interpretação, item essencial do método analítico. Em princípio, diria que ela corresponde, ao longo do processo analítico, a toda conversa que, desembocando em uma cadeia espontânea de ideias, venha a irrigar o campo relacional, abrindo caminho para novas associações; não sendo significativo de que lado da dupla parta o movimento ideativo. Quer dizer, “a conversa analítica” é a interpretação.

Como é natural, uma transição tem suas complicações. A minha, contudo, aconteceu e acontece sem comprometer meu alinhamento ao que Freud estabeleceu em sua teoria da técnica como método de investigação psicanalítico (que prevê uma específica escuta voltada para o inconsciente, as recomendações sobre *setting*, abstinência e neutralidade e, por fim, uma ação psicanalítica) e, descrito conceitualmente, em *A interpretação dos sonhos*, “Artigos de técnica: Sobre a transferência e Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, “Introdução ao narcisismo”, “Dois princípios do funcionamento mental” e “Construções”, principalmente. Alinhamento que se estende a M. Klein em “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, “A vida emocional do lactente” e “Inveja e gratidão”. Enfim, transição que se deu por influência de minha leitura da obra de Bion, mas não somente. Portanto, reafirmo, ela não significou um ajustamento de “ordem técnica”, nem mudança de paradigma teórico. Ela tem seu lugar na escuta analítica. Uma continuidade em meio a aparentes rupturas.

Essas explicações sobre peculiaridades de meu modo de pensar e do fazer psicanálise é para dizer que será por esse vértice que estarei “tamborilando” ideias, sem, evidentemente, a arte e competência do personagem do filme *O tambor*, cujo livro (Günter Grass) não li.

É consensual que o século XXI surge como uma nova era, que, curiosamente, se inicia em meados do século XX e surge com mudanças nos hábitos e costumes de modo geral. Novas configurações psíquicas e concepções sobre o viver, novas formas de organização familiar, comunicação como a da linguagem ajustada à rapidez que os novos tempos pedem, virtual e com certa horizontalidade, interações sociais com tendência à fugacidade, mudanças que operam nos papéis sociais com o correspondente efeito psicológico, questões de gênero etc. Um novo tempo em que moda vai moda vem, nada dura, e como disse o sociólogo Zigmunt Bauman em entrevista: “tempos pós-modernos em que tudo se liquefaz; uma modernidade líquida”. E não me parece que ele se referia a mudanças superficiais, transitórias. Trata-se de uma perspectiva sociológica, mas interessante ao psicanalista, creio.

Se fosse eleger um lema para caracterizar uma faceta dessa nova era no século XXI bem poderia ser: “Não quero só viver a vida, quero muito mais da vida, por isto vou em busca de meu sonho”. Primeiro, um “querer” que está a merecer toda a atenção, e, depois, a palavra “sonho” e expressões como “com certeza” que estão em “todas as bocas”, parecendo tudo estar ao alcance das próprias mãos. Quase como “sonhar é querer e querer é poder”, indicando uma confusão entre o sonho e a alucinação, e uma negação do talento, persistência, oportunidade e sorte. Acrescento, ainda, nessa linha do “sonhar e querer”, mais três expressões do momento: “empoderamento”, “pertencimento” e “top”, palavras que, às vezes, parecem mais ruídos que comunicação.

Enquanto mudanças vão acontecendo ao nosso redor, e pouco ainda sabemos dos efeitos dessas mudanças nas mentes que as vivenciam, a psicanálise segue com os desenvolvimentos teórico-técnicos proporcionados por Freud e psicanalistas posteriores a ele que não abandonaram aquelas ideias revolucionárias, de quando ele formulou lá nos idos do século XX uma nova concepção de aparelho mental e um método de investigação com importantes formulações conceituais.

Esse conjunto na passagem do século XX → século XXI, quer do ponto de vista teórico ou técnico, vai seguir *pari passu* com o que se afigura um surpreendente mundo novo ou está caminhando no fio da navalha com um futuro incerto?

A psicanálise que aflorou na genial cabeça de Freud e que emergiu graças às ideias silenciosas oriundas de lugares e tempos diferentes, da mitologia, filosofia, literatura, religião e tantas outras, nasceu numa era de transição pós-vitoriana. Ironicamente, agora se vê diante de novo pós, o da pós-modernidade desconstrutivista por excelência, onde, no dizer de Bauman, “tudo se liquefaz”, em tempos de “*fake news*” e de tensas polarizações ideológico-religiosas.

Segundo essa pós-modernidade, a ideia de “verdade escondida”, ou não, teria sentido não existindo mais a “Verdade”?

A questão da verdade em psicanálise, e bem sabemos, não tem o caráter de objetividade como nas ciências exatas. Talvez, como penso, aproxime-se mais da física quântica, que se vale da subjetividade do cientista em suas observações das partículas subatômicas. A “nossa verdade”, que se define na subjetividade da escuta, acontece em meio a “evidências” que geram “conjecturas imaginativas” com certo grau de “convicção” sustentado por um corpo conceitual que torna a análise uma experiência enriquecedora. Mas, paradoxalmente, esse corpo conceitual também é seu calcanhar de Aquiles.

Terá ele, no século XXI, a mesma credibilidade que teve no XX?

Em recente filme de Martin Scorsese, *O silêncio*, é narrada a história de um jesuíta que vai ao Japão para, contra todas as adversidades, introduzir lá o cristianismo e que acaba “meio” que “convertido” ao establishment budista. Guardadas as devidas diferenças de contexto e de tempo, diria que o filme ilustra um dilema, que qualifico como “o fio da navalha”, no qual a psicanálise transita: ser ou não ser “convertida” por esse novo e desconhecido “establishment século XXI”. Denomino “ser convertida” abrir mão dos seus pressupostos básicos e submeter-se a compromisso com precisão, resultados, progressos, comportamentos ajustados ao meio social.

Como seria não “ser convertida”? A psicanálise teria alguma chance de escapar à “conversão” como método de investigação dirigido à subjetividade, que se revela, muitas vezes, significativamente rasa?

A literatura e a história ensinam. Por exemplo, Tolstói em *Guerra e paz* faz inúmeras vezes alusões à presença do inconsciente nas ações e nos sentimentos de seus personagens, até mesmo sobre o sentimento

inconsciente de culpa, como o fez Dostoiévski. Diria que ele intuiu um universo psíquico que, ultrapassando o campo da consciência, tinha poder para determinar ações, o que mais tarde Freud descreveu como o universo do inconsciente. Tolstói aponta para fatos caracteristicamente humanos, como a dependência de uma crença que evolui desde um pensamento mágico, passando pela superstição e chegando ao fanatismo-violência de todas as ordens. Aponta, também, para invasão e domínio de mentes com desconstrução de valores e referências. Citarei duas passagens de *Guerra e paz* que importam para minha exposição:

assim que ele executa a ação ... torna-se irreversível e passa a ser propriedade da história. Em toda pessoa a vida tem dois lados: a vida pessoal que é tanto mais livre e a vida em colmeia na qual se cumprem, inevitavelmente, as leis que ela, colmeia, prescreve. A pessoa vive para si de forma consciente, mas serve como instrumento inconsciente para a realização de objetivos...

Afinal, quem o condenara à morte ... (confabulações de Pierre ao enfrentar um pelotão de fuzilamento) ... E Pierre sentiu que não havia ninguém. Era um “sistema”. Uma espécie de “sistema” assassinando a ele...Tomava a ele tudo, a vida, e o aniquilava.

“Colmeia e sistema”, considerações de Tolstói, permeiam a história da humanidade. Mais recentemente, o livro de G. Orwell *1984* ou o filme de Milos Forman *Um estranho no ninho* abordaram esses temas.

Olhar o século XXI é como assistir a um filme futurista cujo final configura-se como imprevisível. Outras vezes, nem tanto, quando se vêem comportamentos que lembram os anos 60 do século XX, o que revela estarmos em um processo de transformações não concluídas. Não obstante, mesmo sendo risível ou redundante alguém se debruçar diante de fatos por demais conhecidos e discutidos, ainda assim isto pode servir para uma discussão que traga clareza sobre como está sendo o processo de inserção da psicanálise nessa transição do século XX → mundo século XXI.

Impossível alguém “século XX”, século em que foi gerado o XXI, não sentir que seu mundo virou de cabeça para baixo, comparado com o que o século XXI anuncia; um fato que talvez não encontre similar na

história da humanidade. Não me refiro ao choque de gerações que inevitavelmente ocorre; caso contrário, como se daria o processo de evolução nas artes, filosofia, ciência, cultura de modo geral? Estou me referindo a uma situação de obscuridade que envolve o século XXI, decorrente da inexistência dos modelos de referência que no século XX definiam o mal, o bem, a verdade, a mentira, o feio e o belo.

Seria essa obscuridade, se é que tem sentido dizer assim, uma sinalização de inédito e *sui generis* modelo de funcionamento mental?

“O século XXI é como um viajar para trás tipo de degrau a degrau até o grunhido”, como nos lembra de forma humorada Zuenir Ventura a conhecida frase de Saramago. A de Hipócrates, “A vida é breve, a arte longa, a ocasião fugidia, a experiência falaz, o juízo difícil”, parece-me mais sensível e mais aberta. Afinal, essa era, denominada da “não verdade ou pós-verdade”, da desconstrução de paradigmas, das especializações que atomizam conhecimentos, é, em princípio, uma novidade que está aí para ser conhecida. Se a era século XX → XXI anda para trás, certamente anda, também, e muito rapidamente, para a frente, numa direção, como já disse, imprevisível.

“Sistema e colmeia”, fatos ou fenômenos de ordem psicossociológica que se repetem ciclicamente ao longo da história, reafirmam uma disposição humana para a vida em rebanho. Os rebanhos humanos, como ocorrência psicossocial que se constata em todas as épocas, demandam guias, condutores ou gurus, figuras que estão sempre à mão. Rebanhos, vale dizer, com as mais variadas “caras”, como família, escola, grupo social, grupos políticos, instituições várias, religião, sistema político-financeiro, entretenimentos, como TV e cinema, com suas mensagens subliminares etc.

Sem pretender uma teoria conspiratória, mas sim uma hipótese num tom de ficção com algum respaldo na realidade e como corolário das ideias acima, imaginarei um *sui generis* rebanho século XX → XXI e um guia similar ao guia descrito por Pierre em *Guerra e paz*, que se apresentava como uma figura abstrata, invisível ou sem rosto. Seguirei com essa sugestão, “sistema”, no caso, “Sistema Grande Pastor”, mas poderia também nomear “Sistema Mefistofélico” ou “Sistema Flautista de Hamelin”, símbolos de um *establishment* que manipularia um

grande e mundial mercado, com as mais variadas ofertas de “mercado-rias”, que fariam parte do cotidiano das pessoas, objetivando “fazê-las felizes” e “poderosas”.

Esse fato psicossocial, rebanho que aponta na direção contrária ao empenho filosófico de Nietzsche, no século XIX, quando já denunciava essa tendência humana de “fugir de si mesmo” e se “encostar numa crença”, neste século XXI eu descreveria como uma reunião de pessoas num espaço cercado de oferendas, como a casa feita de doces do conto “Joãozinho e Maria”, em que predominaria a convicção de que ali “se vive no melhor dos mundos”. Esse “melhor dos mundos”, uma casa-prisão como no conto, enfim, apresentar-se-ia na condição de um novo modelo de grupo estruturado fora de modelos e valores ético-morais tradicionais.

Diferencio o Grande Irmão, de Orwell, do Sistema Grande Pastor, porque este não seria exatamente uma ficção futurista, estando mais próximo de um fenômeno psicossocial passível de ser observado, como antecipei.

Se estamos adentrando, segundo a hipótese acima, uma nova era que se revelaria por importantes mudanças refletindo-se em todos os níveis do contexto psicossocial, e, quase diria, numa formidável ruptura paradigmática, proporei que, pela existência de novos fatos psicológicos em seu campo de observação, demandaria à psicanálise uma mudança de patamar por conta de atualizações, mudança que a tornaria uma Psicanálise Atual. Mas Psicanálise Atual pressupõe um Psicanalista Atual, que depararia com analisandos em um novo formato psíquico, ajustados a esse universo psicossocial-tecnológico-século XX → XXI. A esse analisando de novo perfil, denominarei “Personalidade Atual” a ser conhecida.

Psicanálise Atual, Psicanalista Atual, Personalidade Atual pressuporiam uma escuta atual, um novo olhar?

Não excluo, nessa sugestão de Psicanálise atual, os quadros de patologias clássicas, além de infinitas outras motivações que levam pessoas a procurar psicanálise. E complemento com ou sem o “mistério do constitucional”, aceito desde sempre por Freud e hoje campo de estudo da ciência genética e das neurociências.

O que pretendo levantar é a hipótese de que nessa transição século xx → século XXI nosso campo de atuação amplia-se na direção da hipotética Personalidade Atual, que albergaria um subgrupo que é o da Personalidade Atual tipo rebanho. Personalidade esta tendo alguma similaridade com a “mente cativa” que Mark Lilla lembra em seu livro *Mentes imprudentes*, anteriormente título do livro do escritor polonês Czeslaw Miloszna, na década de 1950.

Personalidade Atual, com o subgrupo Personalidade Atual tipo Rebanho, estaria vinculada a um personagem da maior importância nessa caminhada xx → XXI, qual seja, o avanço tecnológico em todos os campos do conhecimento.

O indiano Sundar Pichal, presidente da empresa Google, responsável por avanços impressionantes na tecnologia da comunicação, em entrevista disse mais ou menos o seguinte: “Os benefícios da tecnologia, em particular da inteligência artificial, mudam e continuarão mudando a vida no social, educacional e em termos de conhecimento ... A Google trabalha na direção da bondade, até porque tudo o que fazemos pode cair em mãos movidas por maldade, e teriam, então, um outro uso”.

São incontáveis os benefícios dos avanços tecnológicos, muitos deles impensáveis há pouquíssimos anos. Desnecessário e impossível listar os mais significativos. A questão que formulo, se é que há alguma questão merecedora de ser formulada, ela não está, evidentemente, nos avanços ocorrendo nessa passagem século xx → XXI, mas no uso que se faz dos avanços e em quem o faz, como afirmou o presidente da empresa Google; sobre eles poderem servir tanto ao “bem quanto ao mal”. Vemos como as guerras hoje são tocadas para matar com a maior e mesma precisão com que se faz uma cirurgia, o que traz a questão “do que é bem e do que é mal”, terreno da ética e da moral, questão que o psicanalista não deveria ignorar, mas que não diz respeito ao escopo deste trabalho.

Pergunto se, com as modernas tecnologias, das quais empresas como a Google e Facebook são respeitáveis representantes, estaríamos diante de um Prometeu do século XXI salvando a humanidade da escuridão ao oferecer-lhe o “fogo sagrado”, ou se estaríamos à mercê de um Mefistófeles sutilmente de olho em nossas almas, atrás de Personalidades Atuais tipo Personalidade Rebanho? Seguramente, uma

faceta importante do século xx → xxi é a de certezas/incertezas, terreno de onde emergiriam, em minha hipótese-ficção, as Personalidades Atuais tipo Personalidades Rebanho.

Atravessando linhas demarcatórias clássicas entre filosofia, literatura e psicanálise, diria que os invisíveis personagens de minha hipótese-ficção, Sistema Grande Pastor, Sistema Mefistofélico, ou ainda, o do Flautista de Hamelin, nesta época de grande “fartura humana”, “farejariam” estados mentais com pré-condições emocionais para pertencer aos rebanhos. Um “arrebanhado autoconfiante” no século xx → xxi iria à procura do “objeto ideal” propiciador de poder e da felicidade completa via “querer é poder” ou o “vou atrás de meu sonho”, potencialmente caminhos da “droga” no sentido de aprisionar pessoas. “Droga/crença” de que o “objeto ideal” existe, razão do aprisionamento e triunfo do Sistema Grande Pastor. Nem sempre, entretanto, o “arrebanhado” se ajustaria à “prisão melhor dos mundos”. Muitos “fracassariam” nessa empreitada, e a destes denominarei Personalidade Atual tipo Rebanho danificada, uma forma de fracasso narcísico que em vez de sofrimento cria uma perplexidade.

Colmeia/Sistema/Rebanho, se não são novidades na vida da humanidade, ao se repetirem em cada ciclo da história, revelariam particularidades únicas. Nesse caso, Personalidades Atuais tipo Personalidades Rebanho, século xx → xxi, poderiam muito bem surpreender o observador?

Numa breve digressão, diria que entre a geração “James Dean” dos anos 1950, que desafiava a morte em “pegas”, e a geração atual do “jogo da baleia azul” ou das “13 razões” há clara continuidade em meio a ruptura; continuidade e ruptura que, se não levadas em conta, podem impedir a percepção-escuta do novo que vai se esboçando.

Interessante observar o movimento de ideias ao longo de um tempo aparecendo ora aqui ora acolá e sendo finalmente captadas por algum pensador (similar ao que aconteceu com Freud no tocante à ideia “inconsciente”, como supenho). Também é interessante o movimento de ideias no campo social e nas interfaces da psicanálise com outros campos do conhecimento que recorrentemente permeiam o campo analítico e que podem ser reveladoras de configurações mentais século xxi. Sinais vindo da filosofia, sociologia, literatura, rede social, TV, filmes,

teatro etc. Mergulhar no século XXI de uma maneira crítica admitindo o desconhecimento do desconhecido favorecerá a que os fundamentos da psicanálise não se fechem ao novo.

Vou postular, e creio importante para o que se seguirá, que uma sessão de análise é fragmento de um fato maior, que é o complexo processo analítico. Tal fragmento e mais outros fragmentos se juntam, depois se separam, para se juntar em novas configurações, e assim vai se fazendo o processo psicanalítico. Um fragmento-sessão ou muitas sessões-fragmento, como estou denominando e que vão constituir o processo de pesquisa-investigação psicanalítica, não têm como, por exemplo, por indução, alcançar o nível de uma generalização para ganhar uma condição conceitual e ter aplicação em outras situações analíticas. Seria como se na sessão-fragmento um determinado *insight* servisse para se pensar de modo geral o mundo mental humano. Assim como a pesquisa psicanalítica se faz no espaço de cada análise e a ela retorna, as narrativas que emergem de uma análise para ela e apenas para ela se voltam. O que não quer dizer que não venham a ser estimulantes para conjecturas ou aperfeiçoamentos conceituais.

Em outras palavras, a escuta, em cada sessão, dependerá do sistema conceitual inconsciente do analista, o que conferirá à análise um cunho de natureza dedutiva.

O que se segue é uma narrativa por mim construída sobre monólogos que evoluem para diálogos. São momentos-fragmentos da psicanálise de um jovem que se apresentou na entrevista inicial como um “louco comprador e devorador de livros”. Com um tom de voz um tanto metálico (o que depois não se repetiria, porque sua voz se revelou, posteriormente, até muito sonora) e um andar mecânico, talvez para dar ênfase ao que diria em seguida e justificar o que dissera antes, falou sobre a “estranha sensação” de funcionar como se tivesse sido “programado para ser um computador” e que “se move na vida segundo algum algoritmo” num mundo futurista-virtual. “Tudo o que faço é meio no automatismo como comprar e ler livros.” Disse, entretanto: “Um dos meus grandes problemas no momento, o que de fato me fez vir aqui, é quanto à leitura de *Ulisses* de J. Joyce: não consigo lê-lo”. Explica que começa a leitura e não dá continuidade.

Não tem começo, meio e fim, algo sem pé nem cabeça. E aquele fluxo de ideias, através do qual Joyce pretende relatar um dia na vida dos personagens em Dublin, me derruba. Sei tudo sobre o livro, só não consigo lê-lo. Empaquei, travei. Enquanto não ler Ulisses não conseguirei ler outro livro, questão de honra; e isto é de longe uma trágica rendição ... em minha fortaleza. ... fragilidade a que não estou acostumado ... um impasse literário, e, claro, se refletindo em minha rotina de vida.

De início, ficou no ar, e não porque eu não tenha perguntado, o que queria dizer com uma “fortaleza rendida”. Depois que considerei “fortaleza e fragilidade” e “fortaleza frágil” como ambiguidades, ele respondeu dizendo que sua vida era “totalmente previsível, que este fato fortaleza frágil era novidade”, o que o deixava um tanto “perplexo”. Fortaleza, para ele, era como “um princípio e uma estratégia de vida”. Compreendia que eu poderia achar aquilo muito estranho. “Mas tudo está muito estranho para mim também.” Explica então: “Tudo estranho como a ‘fuga’ de Maria (sua namorada), que fugiu de mim e voltou para seu apartamento”. Moravam juntos,

Maria me demandava muito ... Como eu ficava às noites no computador, ela começou a se queixar de se sentir muito só. Mas não entendo Maria, porque depois de sua “fuga” continuamos a nos encontrar nos finais de semana e a viajarmos juntos. Sinto sua falta em certos momentos, mas dá para ficar como está, estou mais livre ... simplificando, meu problema é Joyce e não tem nada a ver com a fuga da Maria.

Deixou-me intrigado pela inusitada razão com qual procurava psicanálise e por parecer um tanto teatral querendo impressionar com um jeito superior e indiferente, mas, principalmente, pelo que me pareceu ser seu estilo de vida, que descrevo, segundo suas palavras, como um “moderno isolamento social numa conexão tecnológica com pessoas e o mundo ... olho a vida de longe, de binóculo”. E dizia isto num tom que sugeria algo misterioso ou uma charada. Pensei e lhe disse que ele parecia ver não pessoas, mas “computadores ambulantes”, e de longe. Experimentava, eu, uma distância entre nós, mas diferente da distância que sentiria diante de uma personalidade com traços

psicopáticos. “Eu mesmo sou como um computador ambulante”, dizia de forma muito natural.

Pertenceria ele ao grupo de pessoas que “ouvem e pensam”?, me perguntava. Mostrava-se com um pensamento sofisticado, mas neutralizado por “afirmações fechadas”, categóricas e messiânicas, tal qual um místico com a missão de conduzir seu “povo” para a “terra santa da tecnologia”. Uma estratégia de domínio sobre mim?

Pareceu-me que ele próprio não se dava conta de sua sofisticação, fixando-se mais na “força de argumentação peremptória messiânica”.

Assim, duvidando se seu real interesse em fazer psicanálise vinha, de fato, daquela motivação descrita como “impasse literário” diante do *Ulisses* (não seria esse um motivo menos comprometedor?), combinamos iniciar a análise. De qualquer modo, o “problema *Ulisses*” oferecia um ponto de partida muito interessante.

Durante algum tempo seu assunto girou em torno de livros lidos, que iam da *Ilíada* e *Odisseia* a lançamentos recentes, ou dos que estavam esperando para ser lidos, mas sempre reafirmando que estava “empacado no *Ulisses*”. Viviam o “tabu *Ulisses*”, um “impasse *Ulisses*”, o que se lhe apresentava como uma novidade, uma ocorrência diferente de tudo o que sabia dele mesmo. O “impasse” coincidia temporalmente com a “fuga” de Maria, que deixou a relação um tanto “abalada”, “ou que já estava mesmo abalada”, mas sem que, para ele, isto tivesse “conexão” com sua presença ali comigo.

O seu mundo era descrito como “uma ilha” que ele conhecia nos mínimos “ângulos e detalhes”, e ali esteve feliz até que “aconteceu o *Ulisses* na sua vida”. Se ele acreditava de fato conhecer profundamente sua “ilha”, tudo indicava que o *Ulisses* que “desarranjou sua rotina” o sacudiu para o fato de que aquele “conhecimento” era no mínimo digno de alguma suspeita.

Sem novas leituras e com o “Facebook silencioso”, meio de contato por “conexão tecnológica” com o “fora da ilha”, seu mundo parou, dizia. Estacionou num “vazio de vida”. Até então, levantava-se lá pelas 10 horas, saía com seus dois cachorros e depois ia a uma academia fazer exercícios, rotina sem novidades. Após almoçar num restaurante seguia para o trabalho, onde passava parte do tempo lendo (um livro

por semana) ou, então, no Facebook, ou trocando vídeos com conhecidos que pouco encontrava fora desse campo virtual. Pouco ia à casa dos pais, onde morava sua irmã mais nova, “por puras não afinidades”. Com sua namorada, como já adiantei, saía pouco, passavam fins de semana em casa ou viajavam duas vezes ou três por ano indo a festivais de rock, “mais por ela, Maria”. Reafirmava ser uma pessoa bem ajustada ao seu tempo, com uma personalidade forte, sendo inimaginável, até então, possuir alguma fragilidade.

Sessão:

Tudo em minha vida estava muito bem encaixadinho. Por isso quero minha vida de volta, pois a rede social é parte importante dela. A rede tanto pode ser o paraíso como um inferno. Não quero ser vítima de patrulhamentos ou de um pelotão de fuzilamento.

Os fragmentos de sessão que se seguem contêm falas do analisando e falas minhas embutidas nas dele, configurando momentos analíticos ou, talvez, um “concentrado analítico”. “Concentrado analítico”, porque o que será apresentado não é propriamente a descrição clássica de uma sessão, mas descrição livre fora do contexto real onde se deu; um resíduo, portanto, do que ficou em minha memória e imaginação. Talvez a descrição que apresentarei sirva mesmo e tão somente para estimular imaginações.

Sessão:

Joyce é um pretensioso. Escreveu para ele mesmo e cagou para os prováveis leitores ... se pareço raivoso? Não, não estou não. Ou estou? ... se Ulisses traz um fluxo de ideias, então eu sou um verdadeiro antifluxo. Mas o que é ser um antifluxo? Posso vislumbrar algo, sim, se seguir pelo meu comportamento competitivo, antitudo ... se você é o analista eu seria um antianalista? Pegadinha?

Sessão:

Bloom e Dedalus são meus grandes conhecidos-desconhecidos. Chego a sonhar com as sombras assustadoras deles me acompanhando ... sim, meu sonho é um construto meu, estou me colocando em Dublin e me torno um

personagem de Joyce. Não é engraçado? ... se eu gostaria de estar no lugar de Joyce? Isto é mais engraçado.

Sessão:

Ulisses é meu fracasso literário. Sinto que se conseguisse ler... seria uma libertação... libertar-me do quê? ... estou aprisionado, estou imobilizado se não posso seguir lendo outros livros enquanto olho com desalento para o Ulisses e não posso devorá-lo, não é?

Sessão:

Joyce, mesmo eu não tendo lido seu livro, me perturba, me faz sentir como se estivesse num redemoinho, porque não entendo o que ele queria com uma escrita tão estranha. Obsessão ficar devorando livros... talvez. Sou assim desde criança. Na escola eu era o “Ro” (ri) o Robozinho letrado ... Não, não era “Caxias”, não, não era nerd, também não ... Já era o que sou hoje ... O que sou hoje? Antes de Ulisses eu sabia, depois de Ulisses, nem sei...

Sessão:

Tenho uma vida normal, não posso reclamar ... não fosse por Joyce ... Livros não resolvem essa minha inquietação, mas é com eles que me aguento. Desculpe, isto é meio patético. E nem uma verdade completa.

Sessão:

Uma relação entre Joyce e você? Você presunçoso... estou pensando ... seria impressionante! Na rede sou reconhecido e até admirado como um intelectual ... ninguém sabe desse meu fracasso. Muitas vezes sinto ódio de Joyce... É desafio! Ulisses ninguém consegue ler, e eu tenho que ser esse cara que deu conta. Dá para entender? Eu, bem, eu não entendo. Só me resta a perplexidade. Sim, perplexidade é uma boa dica.

Sessão:

Se o fluxo de ideias de Ulisses me assusta? ... talvez esteja fora de meu alcance ter um fluxo de ideias semelhante ... ou meu fluxo de ideias está bloqueado ... Ideias soterradas?... meus conhecimentos me soterram (ri). Uma avalanche de livros desaba em minha cabeça? Imagem surrealista essa! Meus conhecimentos, minhas leituras ... Eu me garanto com minhas

leituras ... Em minha ilha sou rei, sou como Próspero do livro Tempestade de Shakespeare (ri). Só que agora perdi meus poderes.

Sessão:

Seguir por um fluxo de ideias? Aí perderia completamente o rumo (ri)... como o desenrolar ou enrolar que Joyce inventou ... talvez medo? Mas de quê?

Sessão:

Aí está meu chão? Livros, livros, livros, chão e céu ... se livro fosse gente, em casa seríamos canibais e as estantes de livros guardariam esqueletos. Já sonhei com isto. Caveiras com os títulos dos livros nas testas. Nunca me esqueci deste sonho ... sem meu chão e meu céu como fico? Estou nivelando conhecimento com cadáveres?... ler é minha munição.

Sessão:

Sim! Tenho que admitir, minha mente rejeita o fluxo de ideias porque eu, talvez, seja de fato um antifluxo... mas o que vem a ser isso? ... competir com Joyce ou com você? E o que é o fluxo? Você? O que é o antifluxo? Seria eu ... será um jeito de viver? Um jeito diferente, como me disse você certa vez, viver perseguindo uma quantidade ... quantidade que acrescenta volume, mas não qualidade e criatividade ... cadáveres...

Sessão:

Seja o que for, será que encontro um chão mais seguro do que os livros e a rede me proporcionam? Em jogos de videogames com meus colegas sou muito competitivo e acabo brigando... polemizo, sim, e não escolho o lado que vou defender ou atacar ... A palavra “polemizar” tem a ver com pólen? Acho que não. Pólen é vida e polemizar é pulverizar ... é verdade, neste caso fluxo versus antifluxo minha posição é sempre antifluxo ... expulsando invasores de minha ilha? Talvez.

Um campo relacional-transferencial um tanto confuso se esboçava. Nossos caminhos se cruzavam no campo relacional analítico, mas não nos encontrávamos. Dedalus e Bloom? De um lado, meus movimentos sugeriam e/ou intercambiavam papéis, enquanto, de outro, ele parecia aceitar “esse jogo”, mas fixado tenazmente num posicionamento “antifluxo”, que significava “empacamento”, ali comigo. Ora me via

um “Joyce” apresentando a ele uma “missão impossível”, que era a de “livre associação de ideias”, ora me situava como um *Ulisses* a ser “lido” enquanto ele permanecia “empacado” sem poder “devorar” o livro psicanalítico que ainda não fora escrito... a não ser em minha mente; ou um Dedalus sem rumo. Outras vezes me ocorria que estávamos sob o domínio do meu “antifluxo”.

Sessão:

Posso sair daqui, hoje, pior do que quando entrei. Vir aqui é mais ou menos como estar diante de Ulisses sem saber se vou em frente ou desisto ... Entende a minha perplexidade?

Para ele, análise era como “ligar ou desligar o computador”, e, assim, “ter ou não ter o programa análise”. Eu não sabia que não sabia o que antifluxo estava significando transferencialmente, porque pensava saber pelo conceito de resistência. Minha análise se mostrava “teoricamente encaixada”, e, por que não dizer?, assim como a vida dele, e por isto mesmo “computadorizada”. O significado de antifluxo, que posteriormente vim a perceber, era o de uma interrupção necessária das ações robotizadas para que ele iniciasse uma nova travessia dentro dele. Seu comportamento padrão antifluxo, no campo relacional, não estava sinalizando para um movimento puramente competitivo/defensivo de seu “bem-estar na Ilha” ou para que voltasse a ser o “rei na rede”. Ali residia um dilema que foi se revelando com o tempo: ser um personagem ou ser eu mesmo?

Perseguir o objetivo de “trazê-lo” do antifluxo para o fluxo de ideias apenas resultava em um cenário de permanente competição, fluxo *versus* antifluxo. Isso decorreu do fato de que eu pensava já saber “ler o *Ulisses*-analisando”.

Numa inesperada associação perguntou se eu era um “devorador de livros de psicanálise” (e de analisandos?), o que eu emendei dizendo que ele me sentia um “analista robô” programado com teorias psicanalíticas tal qual ele mesmo, que “na hora H” falha por estar sendo “antifluxo” como ele, contraponto, por conseguinte, ao “*Ulisses* fluxo de ideias”. E indaguei se ele se sentia estar fazendo uma análise “encaixadinha”.

“Se a análise falhar ou o impasse ocorrer, estarei em maus lençóis”, disse. Quando insinuou, consciente ou inconscientemente, que a análise não poderia ser “encaixadinha”, que ela tinha que ser joyciana no sentido transgressivo, despertou-me para a possibilidade de eu estar sendo contratransferencialmente como um “computador ambulante”.

O que seria a transgressão “joyciana”? Admito, hoje, que senti como um bom puxão de orelha.

Sessão:

Maria me perguntou o que eu queria da análise. Sabe o que respondi? Pulverizar o analista ... ou ser pulverizado. Tudo bem, alguém ganha, alguém perde ... lógico, se ambos estamos sendo, como sugere, computadores ambulantes, espera-se que um deverá dar conta dos problemas melhor que o outro ... ou, então, não tem como: é um ou outro.

Como já me referi, minha “escuta encaixada” estava direcionada para “ouvir falha, impasse, fluxo e antifluxo, perplexidade, pobreza de vida”, numa perspectiva de interdições, conflitos edípicos, castrações e repetições transferenciais, pontes por onde faria minha travessia psicanalítica em direção ao seu inconsciente. Esses conceitos deixaram de ter a importância que eu estava lhes dando quando pude me desprogramar e recuperar uma condição de sonhar na sessão. Uma incipiente porosidade consciente → inconsciente passou a acontecer em cada um de nós e entre nós, abrindo uma perspectiva de ordem emocional no sentido contrário de seu processo de tornar-se um computador, o qual se repetia no campo relacional. Precisava me encaminhar do “passado” para chegar ao “futurismo” do analisando. Como na música de Caetano, “sem lenço e sem documento...”

De um ponto de vista teórico, posso agora conjecturar a existência de uma “preconcepção equivocada” com precoces e equivocadas identificações no processo do tornar-se si mesmo. Tal preconcepção desviava-se do objetivo, digamos, natural, que seria o de favorecer uma personalidade integrada com a marca do livre pensador. Isso explicaria “ele precisar falhar” transferencialmente quanto a ser o “computador ambulante”, via antifluxo; desde, entretanto, não encontrar em mim esse mesmo modelo, o que seria como confirmar a “preconcepção

equivocada” e “desviada” do objeto restaurador de sua humanidade. Os “sons do inconsciente” acabaram me alcançando ao mesmo tempo em que se afastavam os “ruídos” não comunicativos que levavam minha escuta para outras direções. Eram sons de uma humanidade bloqueada que se insinuavam através de uma precária “Barreira de contato”, revelando um “robô” construído para não falhar no sufocamento daquela humanidade dentro dele. Falha que, no entanto, para o bem ou para o mal, acabou acontecendo. Eu, sem o “binóculo embaçado” que estava usando, senti que essa brecha do “fracasso literário” era por onde emergia sua humanidade por ele desconhecida e que pouca força parecia ter para fazer contraponto ao “ser robô, algoritmo e programa de computador”.

Sua mente saturada de “saberes computadorizados”, “saberes cadáveres de livros devorados” mantinha a fantasia de um conhecimento prévio e absoluto, fazendo-o crer ter um domínio total de tudo. Esse domínio se estendia até mim ao me fazer sentir, em muitos momentos, um “devorador de livros com conhecimentos-cadáveres” e um suposto saber, onipotente, sobre o analisando. Ao mesmo tempo, tratava-se de uma comunicação de seu inconsciente dirigida ao meu com a esperança de que eu pudesse ser “continente-processador” de seus “dados emocionais”. Talvez, quem sabe, até mesmo um “robô”, mas um robô mais humanizado.

Pensei em inveja, mas inveja como defesa diante de uma falta básica. Desconstruído meu suposto saber, ficou-me mais clara sua intuitiva procura pela psicanálise. Uma procura aparentemente paradoxal em face do terreno analítico perigoso a ser trilhado e por depender de temidas associações livres. Intuitivamente, depositou no trabalho analítico a esperança de que, em sendo ele um “antifluxo”, um “robô polemista e implacável” com adversários, um “robô” que acumulava “conhecimentos cadáveres” e direcionava ações focando quantidades e não qualidades, ali na análise ele conseguiria se encontrar mais humano. O robô “danificado” e revelado diante de Joyce era sua chance de ser ouvido e ajudado. O tabu *Ulisses*, na verdade, significava uma sinalização inconsciente de que havia algo que ele precisava entender e resolver em sua personalidade.

Movimentos associativos lá e cá, mostravam a presença de seu pensamento mais sofisticado, um “pensar sofisticado joyciano”, mesmo que entremeado do pensar categórico. Na busca pelo perdido “futuro” e livrando-se da prisão no “passado”, o inesperado aconteceu: a exploração analítica passando pelo pensar mítico. E aí se viu que em seu pretense “futurismo” ele vivia mesmo era num passado cheio de livros-cadáveres insepultos, passado que se fazia presente transferencialmente.

A “falha” na relação com Maria quanto a ter domínio de sua vida, ser seu companheiro e da qual resultou na “fuga”, já vinha acontecendo havia muito tempo. Ele tinha, sim, um “desconforto” ligado a não ter o tal controle, o que indicava uma onipotência falida. Não foi uma dor sentida nem ouvida e esteve sempre negada. Não obstante, desse desconforto esboçou-se algo próximo ao que se entende como sendo um sentimento.

Sessão:

Foi uma pequena cirurgia que Maria fez. Eu estive ao seu lado antes, durante e depois. Ela ficou feliz com minha presença, ela teve medo e se sentiu segura comigo. Senti que ela precisava de mim e gostei de ajudá-la.

Um discurso narcísico atenuado mostrando mais espaço para o outro. Deslocando-me das “ideias que estavam bem encaixadas nos seus devidos lugares teóricos”, pude falar-lhe sobre a dimensão de “seu problema libertação”, que ultrapassava o problema ler *Ulisses*. E que sua presença junto a Maria, por ocasião da cirurgia, revelou-se um momento afetuoso, coisa meio que inédita para ele. Em outras palavras, “ainda bem” que aconteciam “falhas” em sua vida.

Sessão:

“Sensibilidade??... mais ou menos. A palavra ‘conexão’ é melhor”.

*Ele já havia lido e mencionado *Iliada* e *Odisseia* de Homero, mas até então *Ulisses* era quase exclusivamente o de Joyce.*

Sessão:

Ulisses fez de tudo para não ir guerrear em Troia. Até vestiu-se de mulher e se escondeu. O que era isto, se ele era tão corajoso? Não queria sair de sua Ítaca nem deixar sua Penélope. Merecia ser julgado por isto?

Sessão:

Fico pensando no que estou fazendo ali, no trabalho, já que faço sempre as mesmas coisas e do mesmo jeito, arroz com feijão. Em minha equipe somos nove e seis foram selecionados para promoção. Eu não estava na lista. No dia liguei, hoje já passou ... meu tom de voz está me denunciando? ... na hora foi um golpe parecido com quando Maria fugiu. Claro que bateu um sentimento de “fui excluído e por quê”? Sou tão ou mais competente que alguns escolhidos. Mas rápido, rápido, foi passando e logo voltei à atividade chapliniana de sempre: a de torcer parafusos. Meu lado pobre. Por isso, você entende, é na rede que me realizo. ... se Maria é um parafuso? Mais um surrealismo seu...

Sessão:

Na ilha até posso estar cansado de comer coco, mas não me animo a vencer a maré como no filme de Tom Hanks, O naufrago, ... fluxo da maré e meu antifluxo ... não sou e não quero ser um Joyce ... e não conseguiria ... não sou um naufrago, mas não sei como fui parar em minha ilha ... se Maria é minha “Sexta-Feira”? Não. Ela fugiu, não foi? Se ela é minha tábua de salvação? Errou ... Salvar-me de uma vida vazia sem ela? Errou de novo.

Sessão:

Estou muito bem no meu futurismo. Não sei por que andar para trás no tempo e deixar que um cara lá do começo do século xx ganhe toda a importância para mim. Estou num malfadado passado! Pode?

Circulando pela esfera do mítico literário alcançávamos o mítico pessoal, enquanto associações que se revelavam “livres” alternavam-se com seu ceticismo. Cada livro sorvido, devorado e morto, deixava uma lápide e uma memória, o que redundava num precário enriquecimento intelectual e em uma “fortaleza frágil”. O “impasse” que interrompeu seu processo alimentar intelectual, seu falso domínio sobre a vida de Maria e o sonho das “caveiras”, sinalizavam para uma voracidade dirigida não apenas aos livros como, principalmente, para devorar e eliminar adversários, canibalisticamente, portanto, e com uma onipotência que, afinal, mostrou-se falida quando da não leitura de *Ulisses* e da fuga de Maria. Havia algo como tomar do outro a obra, usá-la, descarná-la, sobrando

apenas o esqueleto, enquanto, pensava eu, não retornava à sua Ítaca, não a “futurista”, mas a Ítaca-humanidade.

Como teoria, pensei numa matriz emocional-cognitiva primordial gerada na unidade psíquica e relação dual mãe-bebê prematuramente interrompida ou pouco desenvolvida, com prejuízo do movimento das concepções inatas. Disso resultou, enfim, uma “constituição robótica” em substituição à sua individuação e desenvolvimento no processo de tornar-se si mesmo, fixando-o numa condição narcísica visível na superioridade, competitividade e indiferença quanto ao humano, desde nosso primeiro encontro.

Uma inteligência superior ao lado de uma vida emocional “ras-teira” poderiam ser a condição para se fazer parte de um rebanho, “rebanho-rede”, “rede de solitários narcisos e iguais”, que se juntariam de uma forma peculiar. Em uma sessão associou que seus movimentos, de “modo geral na vida”, lembravam um “tropismo” reagente a “certos estímulos externos” mais do que uma “ação pensada”. Imaginei, então, que o “estímulo” bem poderia ser ilustrado com “a casa de doces de Joãozinho e Maria”, em que gratificações orais não dependiam de ter que pensar; era só devorar, era só repetir e se sentir feliz. Um rebanho feliz que se autoalimentava de não verdades.

Sessão:

O que está me dizendo? Estou soterrado numa avalanche de conhecimentos-cadáveres vinda de minhas leituras e começam a me faltar ideias-oxigênio como numa avalanche real? Isso significa perder capacidade para pensar e criar? Prisão/libertação tem a ver com pensar sobre minha falha literária, meu impasse? ... pelo menos não tenho falhas outras ... sexuais. Também devorava mulheres que depois iam vivas e felizes e não deixavam saudades... Se deleteo? Sim. Mato? E, os cadáveres, onde estão? Tenho vivido com um cemitério dentro de mim? Cemitério de conexões ... inúteis. Essa é boa!

Sessão:

Meu chão tem sido meus livros, não há a menor dúvida. E não duvido de minhas dúvidas, para contrariar Descartes. Sem esse chão, minha existência seria zero, seria a sentença de um inadmissível anonimato. Teria sido melhor me atirar no abismo ... tenho sentido um aperto no peito, como se o

tempo estivesse se esgotando, e eu tivesse que chegar a uma solução ... não sei se pressiono você para levar-me do antifluxo para o fluxo ... Esquecer Joyce, como? ... Você não tem uma programação para resolver meu problema? Como se diz, a galera toda está de olho no que escrevo, e eu não tenho escrito nada. E nem posso dizer que estou de férias, porque férias não me impediriam de comentar qualquer coisa ... um analista a ser devorado? Qual o tempero, qual o sabor de um analista? ... meu impasse te protege e me favorece? ... já devorei livros de psicanálise ... o cadáver de Freud está aqui com uma lápide onde está escrito o seguinte epitáfio: "Só lamento ter nascido antes do computador ... antes de mim?"

Sessão:

Pode ser ... é uma ideia interessante. Faço dos livros uma droga que me leva para longe da realidade ... me faz bem porque me dá segurança, prestígio social e minha ilha. É... livro-adição? Doença? Síndrome de abstinência? Surreal! Ulisses continua vivíssimo enquanto eu estou meio morto, quase cadáver... cadáver de Ulisses ... Não, Ulisses ainda não se tornou cadáver... Surreal! ... Não, nunca me apaixonei ... Apaixonado pelo Ulisses e sofrendo uma dor de cotovelo? Surreal! Nem pela Maria me sinto apaixonado ... Vínculo ou conexão com Maria? No dia da cirurgia foi uma conexão diferente ... Ulisses me desativa como no filme 2001 uma Odisseia no espaço ... e você também ... Desejo isto? Vou precisar primeiro me conectar com meu bebê guloso?

Sessão:

Me dou conta, sim, de que estou meio enrolado, não sei em quê ... Você acha que a questão não está nos livros, em particular, no Ulisses. Um derivativo que faço de alguma outra coisa que não sei o que é. Saberei? Se preciso matar e devorar, então meu impasse é matar ou morrer? Surreal! Inveja de Joyce? Então invejo a você ... bebê invejoso? ... bebê invejoso não ama a mãe ... ideia interessante ... tem conexão com o devorador e os cadáveres ... não sei se embarco facilmente nessa viagem, mas gosto dessa ideia... surrealista.

Sessão:

Escrita experimental ... que não vingou ... instigante...e desestimulante ... uma caminhada para fora e para dentro das pessoas. Li, e pronto! Sei lá

... estive passeando dentro das mentes de Stephen Dedalus e de Leopold Bloom ... é como se não tivesse lido ... você viaja na minha cabeça ... não? Viaja na minha cabeça que está dentro da sua? Interessante... Vou esquecer. Vai ser mais um cadáver, mais uma lápide com um epitáfio? ... deu um branco. Nada a dizer ... inveja: resolvido o epitáfio ... Joyce teve a coragem de romper com uma forma de narrativa ... eu não sou de fazer experiências ... a análise evito não evitando e não evito evitando, entende? ... não evitei Joyce e o evitei ... por quê? não sei ... ao falar de Joyce, estou falando de meu desafio, querer e evitar ... segundo você, estar na análise não significa não evitá-la ... está por aí o antifluxo ... sei, pode ser ... romper com meu padrão robô e deixar fluir... Não estou seguro de que meu binóculo esteja nem embaçado nem desembaçado ... ou sempre foi embaçado?

Havia, realmente, um fluxo de ideias permeando nossos diálogos, não o fluxo do livro *Ulisses*, continuado ao longo de todo o livro, mas, de qualquer forma, um fluxo acontecendo num “nível estranho e surrealista” que acontecia de vez em quando. No indo e vindo de nosso longo itinerário analítico, nos meandros de nossas conversas, inesperadas e sinuosas associações quebravam o ritmo dos diálogos construídos racionalmente e nos levavam para novos rumos de onde tirávamos narrativas fora de contexto do manifesto. Com isto, o funcionamento “robô” dava, eventualmente, espaço para manifestações mais para o lado do “emocional humano”, como ele dizia. “O robô-narciso” parecia se voltar para o outro, além de si mesmo.

Ele não trazia um adoecer. Ao procurar análise, o que intuitivamente mostrava sem o saber, mas veio a saber, era que precisava “sair” de sua ilha como um *Ulisses* para viver ou “entender” um complexo funcionamento mental cuja leitura mais profunda, e não a linear, estava fora de seu alcance. O “texto complicado”, tanto quanto foi a leitura de *Ulisses*, era o texto que escrevíamos com um viés pelo “mítico”, uma narrativa centrada na fantasia de um bebê voraz devorador de seios, e que o pôs em contato com uma nova dimensão ou nova faceta de sua “ilha-vidamente”. Fazer a travessia para esse “nível mítico” fazendo uso do modelo bebê voraz e rompendo barreiras com o real foi um passo significativo, apesar de suas “dúvidas”. O “assunto” lhe trazia inquietações e muitos

sonhos dos quais nunca se lembrava. Curiosamente e, quem sabe, por se tratar de um sonho acordado, o do bebê guloso e invejoso, desse ele não se esquecia.

Seguindo por um vértice teórico referente ao campo relacional que vai de “barreira projetiva” até “barreira de contato” e que provavelmente guiou minha escuta, diria que ele estava “travado” no movimento narcisismo → social-ismo por estar dinamicamente alojado entre as organizações PS<->PD, distanciado e impedido de transitar por vivências emocionais edipianas fundamentais para o evoluir desde o “tropismo” às identificações, interdições e repressões. Com processos mentais como imitação e condicionamentos que me pareciam significativos, cristalizou-se uma configuração psíquica através da qual, como penso, conseguiu, como “Personalidade Rebanho” dotada de inteligência, uma afetividade “rasteira” e uma competitividade “espanta-adversários-intrusos”, o arranjo mental e de vida que lhe trouxe “estabilidade e paz em sua ilha”. Até que essa paz, para seu desgosto, se mostrou, “graças ao *Ulisses*, esgarçada. E, agora, com a análise, estava às voltas com uma “barreira de contato” e uma “visão binocular” em desenvolvimento para pensar sobre “passagem de computador ambulante” a “humano ambulante”; e não de “computador danificado” a “computador retificado”.

Sessão:

No fundo somos todos da mesma matéria, somos todos iguais ... vivemos nos repetindo ... estamos sempre esperando pelas novidades que podem ou não trazer prazer e felicidade... mas sempre trazem alguma. Por exemplo, no sábado fomos ver um filme porque todos os amigos da Maria já tinham assistido. Nada, nada demais. Fomos na leva... Lembra do tropismo? É isso, toca o sino e a turma se ajunta ... até pude perceber a questão do rebanho: ou somos felizes juntos ou brigamos e depois nos juntamos novamente. Há outra forma de viver? Duvido... Ou se está no rebanho ou não sei ... seu “aplicativo” do bebê voraz vale não só para mim como para todos do grupo. Interessante essa coisa do aplicativo. Aplicativo é para ser usado, degustado, facilitando a vida, ampliando recursos. Aqui é para dar trabalho ... me leva para um outro filme ... surrealista.

Sessão:

A morte de um amigo de infância num acidente brutal, motocicleta, vejo hoje que me sacudiu ... vou te agradecer: fiquei abalado e esse triste fato coincidiu com a fuga de Maria ... eu tinha que resistir e até consegui ... aí veio Joyce ... sim, estou fazendo conexões. Depois vim para análise. Esta é uma cronologia, e você acha que me abalei. Mas o que foi abalado? A rendição da fortaleza? Nem tanto. O engraçado é que nunca tinha tocado aqui na morte de meu amigo.

Após ter lido o livro *Ulisses*, algumas associações evoluíram a partir do personagem L. Bloom:

Sessão:

Ele, Bloom, sai de casa para a guerra do dia a dia. ... equivalente à guerra de Tróia ... depois das batalhas começa sua volta para casa/Ítaca, volta que seria como a Odisseia do Ulisses. Mas Bloom adia quanto pode a volta, porque sabe que sua mulher Molly poderia estar cometendo adultério durante à tarde ... que Ulisses sou eu? ... o que sai para a guerra ou o que não sai de Ítaca? ... Medo de traição? Eu sempre soube dessa passagem “traição” de Molly, sua esposa ... Não sei se é o ponto forte do livro... Penélope não traiu Ulisses ... sair para a guerra é correr riscos ... Maria me trair? Perder Maria? Estou bem em minha ilha ... ou Ítaca, como sugere. Me sinto seguro, sim. Não sou Ulisses, estou mais para o Robinson Crusóe ... uma loucura, o livro ... pensei numa atmosfera virtual, mas ela é sim muito onírica.

Depois disso, se ele terá ou não ou ainda quer “aquela” sua vida de volta, “aquela” sua “ilha/Ítaca”, seu mundo pleno de onipotência, não dá para saber, mesmo que isto seja uma legítima aspiração; até porque, ele continua usando o seu “binóculo” e se amando de uma forma que sobra pouco espaço para o amor direcionado ao outro. Por outro lado, porém, a experiência analítica tem se constituído em caminho para novas ideias, principalmente pelo significado do “novo”, novidade em sua vida diferente das “novidades tecnológicas. Uma abertura para pensamentos e o pensar. Assim sendo, e creio inevitável, não lhe é mais possível desconhecer o equívoco de seu antigo e agora já sabido “estratégico

desconhecimento” quanto a haver “vida além da ilha”, um “velho” argumento usado para fortalecer a fantasia “rebanho-rede”. Rebanho que se sustenta na ética do poder, do prazer e no paradoxo “a única verdade é que não existe verdade”. Um vale-tudo.

Se voltar para sua “ilha”, creio, será a volta de um “Ulisses” mudado, mudado depois da “Odisseia psicanalítica”. Penso que ele viveu uma dupla experiência: de um lado, se descobriu um “Robinson Crusoe” e, de outro, um “Ulisses” saindo para a “guerra” e para sua (nossa?) “Odisseia”.

Sessão:

Vou visitar outras “ilhas”. Resolvemos viajar nestas férias para o exterior. Vou expandir minha Dublin ... sei lá por que disse isto ... Dublin era a ilha de Bloom, e Joyce deixa claro seus mistérios ... “claro seus mistérios”! ... frase estranha! ... minha ilha tem claros e mistérios... Se saber disto é uma vantagem, vamos saber no futuro.

Meses depois decidem passar um longo período no exterior.

Sessão:

Sei que levo meu Robinson Crusoe aqui dentro ou Ulisses, se quiser, e minha “Sexta Feira”. Sou um homem de “ilha” e sou a tábua de salvação de Maria (rindo).

Despedimo-nos, e pouco mais de um ano depois recebo um e-mail seu do exterior dizendo que havia sido convidado para trabalhar e estava propenso a aceitar. E, se eu aparecesse “por lá”, que o avisasse. Poderia entender como geográfico o seu “por lá”, mas o que senti é que esse “por lá” significava que ele se encontrava agora numa nova “ilha” onde “eu era bem-vindo”.

Com a hipótese-ficção Personalidade Atual tipo Personalidade Rebanho século xx → XXI, segundo uma “teoria século xx”, pressuposto que essa personalidade teria uma específica organização mental em termos de uma estruturação psíquica precocíssima e que, por isto, não avançaria para vivências conflitivas edipianas. Dessa forma, o analista teria em seu campo de observação uma personalidade constituída segundo uma prematura cristalização narcísica. Talvez aqui se

aplicasse o conceito freudiano de fixação, no caso, pré-edípica, porque o desenvolvimento emocional se daria em torno de uma primitiva e persistente identificação com um objeto ideal. Objeto ideal “prometido” pelo Sistema Grande Pastor, em torno do qual se aglutinariam e se formariam os rebanhos de “iguais”. Essas personalidades procurariam análise quando, por alguma razão, ocorressem “falhas” nesse processo de identificação com o objeto ideal e/ou uma “falha” na fantasia de onipotência, daí surgindo uma variante da “Personalidade Rebanho”, que seria a Personalidade Rebanho Avariada e “Perplexa”.

Enfim, com a narrativa do “concentrado analítico” finalizo meu “tamborilar”. E finalizo reafirmando a ideia de que, diante da intensa volatilidade no âmbito sociocultural e que se estende à volatilidade interna nas personalidades que denominei Personalidades Atuais tipo Personalidades Rebanho, os avanços da tecnologia em todos os campos do conhecimento e a busca incessante da “pílula da felicidade”, via gurus ou ciência, tornam a transição século XX → XXI uma grande incógnita quanto ao espaço que o futuro reserva à psicanálise.

Tamborilando ideas

Resumen: El autor hace consideraciones sobre sus propias transformaciones personales y como psicoanalista, plantea cuestiones sobre el psicoanálisis en estos tiempos de avances rápidos de las tecnologías modernas influenciando cambios socioculturales que se reflejan en comportamientos y en la forma como los analizandos hoy se presentan para hacer análisis. El psicoanálisis de la literatura y la sociología, citando algunos autores, propone una reflexión sobre psicoanálisis actual, psicoanalista actual, personalidad actual y, por fin, presenta momentos de una experiencia psicoanalítica. Palabras clave: psicoanálisis actual, psicoanalista actual personalidad actual

Drumming Ideas

Abstract: The author makes considerations about his own personal transformations and as a psychoanalyst raises questions about psychoanalysis in these times of rapid advances in modern technologies influencing sociocultural changes that are reflected in behaviors and in the

way the analysand present themselves for analysis. Some psychoanalysis of literature and sociology, referring to some authors, proposes a reflection on current psychoanalysis, current psychoanalyst, current personality and, finally, presents moments of a psychoanalytic experience.

Keywords: current psychoanalysis, current psychoanalyst current personality

Márcio Nunes de Carvalho

marcio.ncarvalho@hotmail.com